

Manual do Professor

vis.uau

jean carlo barusso



Elaboração de conteúdo: Felipe Ziliotto Recaman

Editor
Jean Carlo Barusso

Redator
Ricardo Dalai

Designer
Dalton Semensato Albertin

Manualista
Felipe Ziliotto Recaman

BARUSSO, Jean Carlo, 1993 -

vis.uau – Manual do Professor / Jean Carlo Barusso
1ª Edição – 1ª impressão.
Londrina, PR: Echoar, 2022.

E-book: HTML5.

64 p.

ISBN: 978-65-998814-2-8

CDD 028.5
CDU 087.5(81)

-
1. Concretismo.
 2. Poesia Brasileira.
 3. Poesia Concreta.
 4. Poesia Paranaense.

I. Título. II. Assunto. III. Autor

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura Brasileira: Infantojuvenil.
2. Literatura: Infantil, juvenil, livros para crianças, livros de figuras (Brasil).

Todos os direitos reservados à Editora Echoar
Rua Shangai, 55 – Bloco B, Apto. 21
Jardim Claudia, Londrina, PR. CEP: 86050-350
E-mail: jeanbarusso@gmail.com
Telefone: (43) 99990-2709

CARTA AO PROFESSOR

Caro(a) professor(a),

O material que você está lendo agora é o **Manual do Professor**, cujo objetivo é auxiliá-lo(a) no trabalho com o livro de poemas *vis.uau*, do poeta paranaense Jean Carlo Barusso. Esta publicação didática visa ampliar as possibilidades de leitura, pesquisa e entendimento do material poético a ser trabalhado, bem como procura sugerir algumas alternativas de trabalho com os poemas escolhidos. Para isso, foram utilizadas as competências elencadas na BNCC, a fim de direcionar as escolhas pedagógicas realizadas, e diversos textos teóricos relacionados ao tratamento do texto poético em si.

Além da sugestão das atividades com o livro, espera-se que esta obra auxilie no desenvolvimento do entendimento do texto poético, especificamente da compreensão e da apreciação da poesia concreta, forma tão importante para a literatura mundial e para a compreensão das vanguardas.

Outra pretensão é que a figura do(a) professor(a) seja auxiliada no tão importante processo de construção coletiva do conhecimento e no incentivo ao contato e à apreciação do texto literário, fazendo-o dialogar com a realidade social dos jovens e utilizando-o como mediador no enriquecimento da experiência humana dos estudantes.

APRESENTAÇÃO DO AUTOR

Jean Carlo Barusso nasceu no Paraná, na cidade de Arapongas, em 1993. Além de poeta, é publicitário e professor de Língua Portuguesa e de Literatura. O autor começou a mostrar ao público o que escrevia em 2015, quando criou um *blog*. Dessa aventura poética já são mais de 600 textos e dois livros organizados, ambos publicados pela Editora Madrepérola: *Viva a/à Poesia*, de 2016, e *o olho*, de 2020. A formação acadêmica dupla (Publicidade e Propaganda e Letras Portuguesas) possibilita a Barusso pensar o livro em sua totalidade, tanto no seu conteúdo textual como poeta quanto pelo formato gráfico da obra. Assim, palavra e imagem ecoam uníssonas para falar a poesia.

Leitor ávido, em especial de poetas, Barusso foi inevitavelmente influenciado por uma série deles, dentre os quais podemos destacar os concretistas e os chamados poetas do mimeógrafo, incluindo o também paranaense Paulo Leminski. É Leminski que revela, mestre que é, o caminho da boa poesia contemporânea: traçar, de forma lírica, reflexiva e crítica, passado e presente, tradição e ruptura, regra e transgressão. Ora, não é isso mesmo a própria poesia? Por isso, encontramos entre os poemas de Barusso tanto sonetos quanto haicais, poemas em verso livre e poemas concretos ou visuais, como os que compõem a obra *vis.uau*.

Para o poeta, sua relação com a poesia é como a mãe com o jardim: “resignificar objetos a todo momento / ela faz da vassoura varal” (BARUSSO, 2020, p. 24). A palavra poética é essencialmente metafórica, ambígua, dizendo não apenas no que mostra com máscara, mas também por meio daquilo que silencia.

Além de Paulo Leminski, a poesia de Jean Carlo Barusso dialoga com Augusto dos Anjos, Ferreira Gullar, Arnaldo Antunes e Bobby Baq. Por outro lado, vez ou outra o leitor identifica também ecos de Sigmund Freud, Albert Camus, Milan Kundera, Clarice Lispector, José Saramago e Raduan Nassar, autores que, por meio de uma prosa — poética ou não —, contribuíram na construção da voz lírica de Barusso e em suas características e temas: a força da linguagem (com suas sonoridades, jogos, espelhamentos), os encontros em um mundo de desencontros, o apelo à imagem, a presença do corpo, do erro, da espera e do tempo. A metalinguagem dá brecha a um “eu-poemático”, isto é, uma voz que se preocupa com o poema enquanto forma e reflexão em si, mas que, por sua vez, não abre mão do lirismo: o lírico brilha, crepuscular, na imagem oferecida ao leitor.

Nesse jogo, o eu se faz, cria-se por meio dos poemas.

CONTEXTO DE PRODUÇÃO E NATUREZA ARTÍSTICA DA OBRA

De larga presença na história da literatura ocidental, quiçá mundial, o texto poético é uma fonte riquíssima de trabalho, a partir da qual é possível suscitar discussões que permeiam os mais variados âmbitos da experiência humana, desde os mais subjetivos e individuais até os mais sociais e históricos. Desde suas primeiras manifestações, o texto lírico é expressão de uma subjetividade, a do poeta, que já não fala de si mesmo, mas de um eu que é projetado no poema, o eu lírico.

Ao ser o primeiro a teorizar sobre os gêneros literários, Aristóteles (2017), em sua *Poética*, já apontava que os poemas líricos constituíam um grupo específico dentre os textos literários, além dos poemas épicos e dos poemas dramáticos. Todos eram chamados de poemas na época de Aristóteles, isto é, século V a.C., porque todos eram escritos em versos, uma das características que diferencia esses textos dos não literários.

Em resumo, poema é uma das várias formas de arte literária, isto é, a arte que emprega palavras e imagens por meio de metáforas a fim de possibilitar experimentações e sensações no leitor. Por ser um gênero textual que emprega a linguagem em sua função estética, buscando sensibilizar e emocionar, ele está, desde sua origem, ligado a melodias, ou seja, acompanhado de instrumentos como a flauta, a cítara e, é claro, a lira (daí o nome: gênero lírico). Assim, até a Idade Média os poemas foram majoritariamente cantados, e somente tempos depois foram desvinculados do acompanhamento musical, mantendo, porém, seu caráter melódico.

Entretanto, atenção: não podemos confundir **poesia** com **poema**. Apesar de serem comumente empregadas como sinônimas, essas palavras não querem dizer exatamente a mesma coisa. Poema é a forma textual, o texto em si, formado de palavras, e poesia é o que está contido nele, seu caráter metafórico, melódico, sua essência (LYRA, 1992). Ora, se poema é o “condutor” da poesia, seu suporte, logo a poesia existe fora dele. É o caso de narrativas poéticas, por exemplo, que contam uma história valendo-se de recursos próprios do gênero lírico. Mas, ainda, poesia pode se manifestar em fotografias, pinturas, filmes etc. Poesia é o que o olhar do leitor disser que é. A poesia, como escreveu o poeta Octavio Paz (2012, p. 21), “A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de mudar o mundo, [...] A poesia revela este mundo; cria outro.”

Hoje, sabemos que, assim como a poesia não está restrita ao poema, o texto não precisa estar em versos para ser literário. Romances e contos, por exem-

plo, são textos em prosa, e o teatro também se constrói sem depender da versificação de seus textos. Isso quer dizer que as características que definiam um texto poético se ampliaram, e os poetas não se prenderam mais à métrica do verso, por exemplo, ou a rimas chamadas de perfeitas. Entretanto, os poemas ainda mantêm esta que parece ser sua característica fundamental: são manifestações subjetivas que buscam criar sensações e percepções no leitor por meio de uma função estética, de contemplação, sem utilidade objetiva senão deslocar os afetos e sentimentos naquele que lê o poema. É o leitor que vai, então, complementar o significado do texto em sua leitura, empregando para isso suas próprias memórias, saberes, percepções e visões de mundo.

Em depoimento, o poeta Décio Pignatari escreve:

Todo poema autêntico é uma aventura — uma aventura planejada. Um poema não quer dizer isto nem aquilo, mas diz-se a si próprio, é idêntico a si mesmo e à dissemelhança do autor, no sentido do mito conhecido dos mortais que foram amados por deuses imortais e por isso sacrificados. Um poema é feito de palavras e silêncios. Um poema é difícil. Adão. Sísifo. Orfeu. (PIGNATARI, 1975, p. 9)

No caso dos poemas que compõem esta obra, temos um passo além, pois eles buscam romper com a própria estrutura do verso, indo ao encontro do que chamamos de poesia concreta, que surge no Brasil na década de 1950, recebendo esse nome de um dos seus pioneiros, o poeta Augusto de Campos, que, junto de seu irmão, Haroldo de Campos, e do amigo Décio Pignatari, estabeleceram o caráter verbocovisual do poema, isto é, sua verbalidade, sua sonoridade e sua visualidade. Pignatari, no texto “Sobre poesia oral e poesia escrita”, escreve:

Sinto-me aventurado a acreditar que o poeta fez do papel o seu público, moldando-o à semelhança de seu canto, e lançando mão de todos os recursos gráficos e tipográficos, desde a pontuação até o Caligrama, para tentar a transposição do poema oral para o escrito, em todos os seus matizes. (PIGNATARI, 1975, p. 11)

Os poetas concretistas brasileiros foram fortemente influenciados pelas transgressões do poeta francês Stéphane Mallarmé (1842-1898), voz fundamental na ampliação da linguagem poética além da verbal, ou seja: suas propriedades imagéticas na construção de significados. Mallarmé causou enorme polêmica com seus textos, mas ao mesmo tempo promoveu uma gigantesca renovação da poesia por meio de uma revolução da forma ao utilizar símbolos formados por palavras juntos de musicalidades e experimentações na pontuação e na gramática. Augusto de Campos (1975, p. 18), ao apontar as características do poema concreto, afirma:

Trata-se, pois, de uma utilização dinâmica dos recursos tipográficos, já impotentes em seu arranjo de rotina para servir a toda a gama de inflexões de que é capaz o pensamento poético libertado do agrilhamento formal sintático-silogístico. A própria pontuação se torna aqui desnecessária, uma vez que o espaço gráfico se substantiva e passa a fazer funcionar com maior plasticidade as pausas e intervalos da dicção (CAMPOS, 1975, p. 18).

A poesia concreta é, portanto, um fenômeno literário de vanguarda que busca privilegiar, nas palavras de Ribeiro (2004, p. 34), uma certa “estrutura de conteúdo”, a partir da qual o texto poético se torna um objeto poético em si mesmo. Devido aos processos de semantização e semiotização da forma (RIBEIRO, 2004, p. 35), textos concretos buscam privilegiar uma experiência que não se restringe à palavra escrita e a seu significado, por isso esse texto é dotado de “uma força explosiva e disruptiva, abrindo-se à pluralidade de leituras e leitores” (RIBEIRO, 2004, p. 35). Assim, um poema concreto existe quando o texto poético utiliza seu espaço na página de forma particular, não respeitando linhas ou colunas imaginárias como formas poéticas tradicionais, como acontece com grande parte dos poemas que compõem a obra *vis.uau*, que já no título faz menção a essa característica dos textos e, ao mesmo tempo, emprega a pontuação de forma não convencional para criar humor e ambiguidade. Essas são duas características frequentes nos poemas: algumas vezes, uma única palavra é capaz de conter o sentido do texto, como é o caso do poema *alienação* (p. 25), promovendo, junto do elemento visual (um quadrado) e do título, a necessidade de “pensar fora da caixa”, ideia também clara no poema *reolhar* (p. 20). Talvez seja esse, inclusive, um convite ao leitor que, já acostumado com os versos tradicionais dos poemas, possa estranhar como estes poemas são construídos.

Tendo em vista essa riqueza de possibilidades, o presente Manual do Professor apresenta-se mais como uma linha de auxílio ao trabalho em sala de aula do que como ordem de trabalho a ser seguido à risca, ainda mais tendo em vista que, conforme as ideias de Umberto Eco, no conceito de *obra aberta*, muito do significado é criado pelo leitor em conjunto com o que foi legado pelo autor (ECO, 2008). Assim, salienta-se que, nas atividades propostas, dificilmente haverá uma resposta correta, mas sim respostas que se adaptam ao conhecimento e ao contato dos alunos com a literatura no geral.

CONTEXTO DE RECEPÇÃO DA OBRA

Conforme a orientação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

Para que a função utilitária da literatura — e da arte em geral — possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor — e, portanto, garantir a formação de um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. (BRASIL, 2018, p. 136).

Em *vis.uau*, o leitor vai encontrar poemas concretos e que inspiram jogos com palavras, o brincar, muito próprio da ficção. São 43 poemas que refletem sobre o tempo, sobre o espaço, as direções, inspiram um novo olhar sobre o poema e sobre si mesmo. Ora, já vimos que o poema é expressão de uma subjetividade, uma visão de mundo, fruto de reflexões sobre questões complexas. Por isso, a linguagem empregada também não é a tradicional, não se usa o verso tradicional, mas o espaço que o texto ocupa na página. Um dos poemas, *paisagem verbal* (p. 44), cria formas com as palavras, brincando com essa capacidade de o texto poético fornecer ao leitor uma imagem. No texto, as palavras “fio”, “rua” e “poste” dão forma a uma paisagem que todos nós conhecemos: as ruas das nossas memórias, das nossas cidades, tão presentes em nosso dia a dia.

Os poemas que compõem *vis.uau* confirmam que textos literários não precisam apresentar uma função objetiva e prática. A função estética mostra, na experiência de leitura, sua “função”, isto é, seus efeitos no leitor, que é afetado por sensações e percepções como se estivesse diante de uma outra realidade. Assim, os limites entre o Eu e o Outro são questionados, como também o faz o primeiro poema da seção **sobreposição**, *egoísmo* (p. 47).

No fundo, regras e funções não fazem, no universo poético, sentido. O que importa são os efeitos que a linguagem poética causa no leitor, pois, como aponta Antonio Candido (2017), todo texto literário tem um caráter transformador ao ser parte essencial da humanização de nossa espécie e da ampliação da consciência humana. A literatura é capaz de despertar quem somos e quem é o outro. Assim, uma vez desestabilizados pela leitura, passamos a encarar a realidade sob outra perspectiva.

O efeito da leitura funciona mais ou menos assim: a obra é escrita pelo autor — um sujeito único, individual, com suas próprias ideias e percepções de mundo, sua própria trajetória e experiências. De tudo que ele pretende expressar, só consegue ir até onde a palavra deixa. Uma vez finalizada, a obra é

apropriada pelo leitor, sujeito também constituído de forma singular, complexa e subjetiva. Assim, o que o autor escreveu vai ser entendido de modo particular por diferentes leitores, pois cada um, valendo-se de suas experiências e história de vida, de seus valores e crenças, fará suas interpretações pessoais do texto, estabelecendo relações com acontecimentos e pessoas, ou seja, atribuirá um sentido pessoal ao que leu.

Dito isso, fica clara a dimensão estética e artística dos poemas que compõem *vis.uau*, que brincam com as palavras de forma séria, visando também o prazer na leitura ao mesmo tempo que provoca reflexões, tensões, lembranças e críticas.

Ao longo das atividades propostas adiante, indicaremos outras perspectivas críticas no que diz respeito aos gêneros poema e poema concreto, complementando esta seção a partir das particularidades de cada atividade.

PROPOSTA DE ATIVIDADES 1: LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

OBJETIVOS

- ◆ Analisar os elementos visuais que compõem a capa de uma obra literária e partir deles para criar suposições, expectativas e concepções sobre o texto a ser lido.
- ◆ Ler criticamente os poemas concretos e partir deles para refletir sobre os conceitos de poema, poesia, poesia concreta.
- ◆ Refletir sobre aspectos estruturais do poema (verso, sentido, figuras de linguagem) e contrapor as noções clássicas à poesia concreta.
- ◆ Defender opiniões e dialogar com os colegas sobre impressões acerca do texto.
- ◆ Estabelecer um método de estudo que permita o levantamento, verificação e revisão de ideias acerca dos poemas lidos.

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

(EF69LP48) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações etc), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo), gráfico-espacial (distribuição da mancha gráfica no papel), imagens e sua relação com o texto verbal.

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompem com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.

(EF69LP54) Analisar os efeitos de sentido decorrentes da interação entre os elementos linguísticos e os recursos paralinguísticos e cinésicos, como as variações no ritmo, as modulações no tom de voz, as pausas, as manipulações do estrato sonoro da linguagem, obtidos por meio da estrofação, das rimas e de figuras de linguagem como as aliterações, as assonâncias, as onomatopéias, dentre outras, a postura corporal e a gestualidade, na declamação de poemas, apresentações musicais e teatrais, tanto em gêneros em prosa quanto nos gêneros poéticos, os efeitos de sentido decorrentes do emprego de figuras de linguagem, tais como comparação, metáfora, personificação, metonímia, hipérbole, eufemismo, ironia, paradoxo e antítese e os efeitos de sentido decorrentes do emprego de palavras e expressões denotativas e conotativas (adjetivos, locuções adjetivas, orações subordinadas adjetivas etc.), que funcionam como modificadores, percebendo sua função na caracterização dos espaços, tempos, personagens e ações próprios de cada gênero narrativo.

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender — selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes — romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

Para privilegiar esse aspecto didático, as atividades foram pensadas em três momentos complementares, são eles: pré-leitura, durante a leitura e pós-leitura, conforme definido por Solé (1998).

O momento **pré-leitura** privilegia compreender os conhecimentos que os discentes já possuem. Essa etapa é importante porque permite o levantamento de ideias adequadas e inadequadas acerca do texto a ser trabalhado, bem como permite o estabelecimento de objetivos para a leitura a ser realizada. Por isso, é interessante que as ideias levantadas neste momento sejam anotadas pelo professor a fim de que seja possível voltar a esse conhecimento em momentos posteriores e confirmar ou rever certos pontos levantados pela turma e, assim, promover uma maior compreensão sobre o conteúdo trabalhado.

Durante a realização da leitura, a figura do professor deve privilegiar a orientação das discussões, sem ditar conceitos e fórmulas prontas a serem decoradas, priorizando a construção comum de conceitos pelos estudantes e dando as devidas orientações, caso necessário. A explicação, neste momento, deve servir para aclarar possíveis dúvidas levantadas. Além disso, é preciso que o professor esteja atento à formulação de novas hipóteses que possam substituir ou complementar aquelas levantadas durante o período pré-leitura.

Por fim, o momento **pós-leitura** privilegia a análise do texto com o qual os discentes tiveram contato, bem como a ratificação ou o retrabalho com as ideias levantadas. Ademais, é neste momento que o trabalho transdisciplinar com o texto literário ganha evidência.

Pela multiplicidade dos temas tratados em *vis.uau*, as atividades naturalmente privilegiarão discussões de tópicos variados da vivência humana, como a sociedade, as convenções sociais, os sentimentos etc. Essa riqueza temática é muito oportuna, tendo em vista que a própria BNCC busca fazer o discente se tornar um leitor-fruidor por meio do contato com o variado

[...] tendo em vista a potência da arte e da literatura como expedientes que permitem o contato com diversificados valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos, o que contribui para reconhecer e compreender modos distintos de ser e estar no mundo (BRASIL, 2018, p. 139).

Por isso, a presente atividade busca incentivar a análise e a interpretação de poemas concretos, bem como visa introduzir nos estudantes noções sobre essa forma poética.

PRÉ-LEITURA

No primeiro momento de contato com o livro, é importante que a turma esteja em silêncio e receptiva à experiência. Por isso, convém realizar uma breve entrevista com os alunos para prepará-los e verificar qual o contato que têm com o texto poético. Para isso, antes de entregar o volume aos estudantes, o professor deve realizar algumas perguntas sobre a vivência deles com esse tipo de obra. Não são necessárias respostas por escrito por parte dos alunos, mas elas podem ser anotadas no quadro e registradas para posterior consulta e adequação das ideias. Para isso, sugerimos as seguintes perguntas:

- ◆ vocês sabem o que é poesia?
- ◆ E o que é poema?
- ◆ Alguém já leu poemas? Sua família costuma lê-los?
- ◆ Se você já leu, gostou ou não gostou? Por qual motivo?

Depois dessa entrevista mais geral, convém seguir:

- ◆ analise com os discentes os elementos que compõem a capa. Sugerimos os seguintes parâmetros:
 - ▶ informações verbais:
 - ▷ título e nome do autor;
 - ▶ informações visuais:
 - ▷ cores, formas, fonte escolhida, se há ou não ilustração, logo da editora;
 - ▷ conteúdo da quarta capa;
 - ▷ como esses parâmetros dialogam e criam sentido?

A seguir, sugerimos as seguintes perguntas:

- ◆ o que o título sugere? O que se espera de um título como esse?
- ◆ Já ouviram falar sobre poesia concreta? Se sim, conseguem citar algum exemplo ou identificar algo próximo a essa manifestação literária no cotidiano? (Neste momento, é permitido que os estudantes mencionem certas peças publicitárias que trabalhem a espacialidade junto ao texto).

Se os discentes não conseguirem / não puderem reconhecer esse trabalho com a espacialidade em seu cotidiano, este momento é oportuno para retomar a ideia de forma tradicional do texto poético, mencionando os conteúdos abordados em anos anteriores, e mencionar que um movimento busca subverter esse paradigma composicional. Neste momento, não é necessário aprofundar características do texto concreto, apenas mencionar que é uma alternativa à forma tradicional, ou, nas palavras de Augusto de Campos, uma reflexão sobre a “estrutura ótico-sonora” do poema (CAMPOS, 1975, p. 34).

Após essa sondagem inicial, combine com a turma a organização das leituras, individualmente ou em duplas (no máximo duplas para privilegiar o acesso ao aspecto visual da obra). O docente deve pedir para que se atentem ao índice e aos títulos ali dispostos, explicando-lhes que não é uma regra a criação de título para um poema e que, muitas vezes, essa escolha (dar título ou não) também carrega significado.

Se possível, o professor deve levar os estudantes à biblioteca da escola, ou levar alguns livros de poemas para a sala de aula. Assim, eles poderão ter contato com variadas obras para compreender como esse tipo de publicação pode ser organizada.

Para finalizar o momento pré-leitura, pode-se selecionar alguns poemas da seção **di VER sos** (compreendida entre *processo* e *paisagem verbal*) para trabalhar com os estudantes. Isso pode ser realizado em conjunto com eles, partindo de títulos que interessarem ao discente, ou pode ser feito previamente pelo professor.

DURANTE A LEITURA

Num primeiro momento, convém ao professor deixar os estudantes realizarem uma leitura silenciosa dos poemas selecionados. Nesse contato inicial com o texto poético, é necessário que haja uma experiência mais pessoalizada de absorção desse material, a partir da qual se tornará possível qualquer outro trabalho. Esse processo é ainda mais intensificado quando há o trabalho com poesia, por isso é importante respeitar esse momento de contato primário. A depender da quantidade de textos selecionados, é possível que isso não dure mais do que 10 minutos. O professor deve combinar com os alunos que quaisquer comentários e dúvidas devem ser realizados após esse primeiro momento, tendo em vista que falas podem desconcentrar aqueles que ainda estão lendo.

Após essa etapa, os estudantes devem ser incentivados a compartilhar impressões, gostos e interpretações dos textos lidos com os colegas. Esse momento é importante, pois é a partir dele que o contato com o texto poético é enriquecido, privilegiando a multiplicidade de leituras que essas obras permitem.

Em seguida, o professor pode aproveitar a oportunidade para trabalhar de forma mais aprofundada a relação que existe entre forma e conteúdo, especificamente nesse tipo de texto que, como vimos, procura amalgamar essas instâncias para construir a significação do poema concreto. Para isso, convém que o docente escolha um dos textos lidos e copie na lousa apenas a parte verbal da obra, sem a forma como apresentada no livro. A partir dessa reconfiguração, deve refletir com a turma sobre os seguintes aspectos:

- ◆ O sentido é mantido?
- ◆ Existe algum prejuízo quando o texto verbal perde a forma com que foi apresentado no livro?
- ◆ Por outro lado, é possível imaginar apenas a imagem sem o conteúdo escrito? Como isso afeta o poema?

Esse momento de análise da relação forma-conteúdo, muito trabalhada pelos autores concretistas, privilegia a compreensão do texto poético enquanto objeto a ser fruído e pensado como um todo coerente, não como apenas o significado ou como a sensação que provoca. Caso o professor sinta a necessidade de se aprofundar nessas reflexões, sugere-se a leitura do capítulo *Poesia concreta* de Augusto de Campos em volume indicado na **Bibliografia** deste Manual.

Além desses fatores, convém não esquecer de que, também, a poesia concreta não deixa de ser poesia, logo é interessante que o professor procure retomar certos conceitos mais tradicionais para que os estudantes possam relacionar a nova forma literária com os conhecimentos que já possuem de anos anteriores de sua formação.

Tendo isso em vista, é oportuno usar os poemas selecionados da seção **di VER sos**, bem como outros, caso seja considerado necessário, para pensar sobre os seguintes constantes estilísticos:

- ◆ Ainda são utilizadas rimas?
- ◆ Foram utilizadas aliterações, assonâncias e demais figuras de som?
- ◆ Que tipos de figuras de linguagem podem ser encontradas?
- ◆ Quais as semelhanças e quais as diferenças que os estudantes conseguem elencar entre a poesia tradicional e a concreta?

PÓS-LEITURA

Concluídas as discussões, os discentes já estarão munidos de experiências suficientes para voltar e reanalisar as ideias elencadas durante o momento da **pré-leitura** da atividade 1. Para isso, o professor deve ter em mãos os conceitos apontados durante o referido momento, mostrá-los aos alunos e, partindo daquelas respostas, verificar com eles a necessidade de reformulação e/ou complementação das respostas elencadas.

Esse momento permite que os estudantes repensem suas definições e atualizem seus entendimentos acerca de objetos com os quais têm contato após uma análise crítica das obras. A postura de revisão incentiva a reflexão e a criticidade em contato com variados textos, por isso é uma habilidade que deve sempre ser trabalhada.

Em relação às respostas, é relevante revisar aquelas referentes ao conceito de poema, tendo em vista que os estudantes, possivelmente, tinham um entendimento restrito à forma tradicional. Após o contato com a vanguarda trabalhada neste volume, no entanto, essas noções tendem a ser alargadas.

Após essa necessária discussão sobre questões formais e da relação forma-conteúdo, o professor pode aproveitar o momento e mencionar aos estudantes as novas formas poéticas que foram influenciadas pela produção dos concretistas, bem como mostrar aos estudantes ainda mais exemplos que desafiam a forma tradicional do poema. Para isso, o docente pode lançar mão de produções como videopoemas, poemas em prosa, fotopoemas e poesias digitais, privilegiando o contato com as produções relacionadas à tecnologia.

PROPOSTA DE ATIVIDADES 2: SOCIEDADE, POLÍTICA E CIDADANIA

OBJETIVOS

- ◆ Relacionar o conteúdo artístico à própria realidade cotidiana.
- ◆ Estabelecer relações que permitam uma leitura crítica do cotidiano a partir dos poemas.
- ◆ Estabelecer um método de leitura e pesquisa que permita o estabelecimento de relações entre arte e sociedade.
- ◆ Analisar as estratégias utilizadas como motor de invenção poética e para criação de sentido nos poemas selecionados.
- ◆ Selecionar poemas e temáticas sociais, ligá-los ao cotidiano vivido e apresentar a pesquisa aos colegas.

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

Competência 2 das Ciências Humanas: Analisar o mundo social, cultural e digital e o meio técnico-científico-informacional com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, considerando suas variações de significado no tempo e no espaço, para intervir em situações do cotidiano e se posicionar diante de problemas do mundo contemporâneo.

Competência 5 das Ciências Humanas: Comparar eventos ocorridos simultaneamente no mesmo espaço e em espaços variados, e eventos ocorridos em tempos diferentes no mesmo espaço e em espaços variados.

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

Com a mesma riqueza que o texto poético permite o trabalho com os conceitos da área de **Linguagens e suas Tecnologias**, é possível usar os poemas para pensar demais eixos pedagógicos. Buscando explorar essas possibilidades, a seguinte proposta tem como foco o trabalho com o ramo **Sociedade, Política e Cidadania**.

A BNCC, ao tratar das Ciências Humanas, é enfática ao explicitar a importância da formação ética dos discentes, e a relevância disso para as futuras gerações (BRASIL, 2018, p. 354). O documento, inclusive, elenca uma série de tópicos a serem valorizados nesse tipo de formação, sendo eles:

[...] os direitos humanos; o respeito ao ambiente e à própria coletividade; o fortalecimento de valores sociais, tais como a solidariedade, a participação e o protagonismo voltados para o bem comum; e, sobretudo, a preocupação com as desigualdades sociais. (BRASIL, 2018, p. 354).

Na obra *vis.uau* e neste Manual do Professor, é de especial interesse a reflexão sobre o último item (desigualdades sociais), tendo em vista que essa é a pedra de toque para muitos dos outros males que envolvem a sociedade, bem como pelo fato de que a compreensão dele permite a atuação em variados âmbitos da vida social. Isso porque, conforme a BNCC, os Anos Finais do Ensino Fundamental têm como foco

[...] o compromisso de dar continuidade à compreensão dessas noções, aprofundando os questionamentos sobre as pessoas, os grupos humanos, as culturas e os modos de organizar a sociedade; as relações de produção e de poder; e a transformação de si mesmos e do mundo. O desenvolvimento das habilidades voltadas para identificação, classificação, organização e comparação, em contexto local ou global, é importante para a melhor compreensão de si, do outro, da escola, da comunidade, do Estado, do país e do mundo. Dá-se, assim, um passo importante para a responsabilização do cidadão para com o mundo em que vive. (BRASIL, 2018, p. 356).

Portanto, as atividades propostas nesta seção focam a discussão do conceito de diferença/desigualdade, bem como a aplicação de ideias referentes a ele na seção **sobreposição**, da obra literária. Isso pois é nesta parte em que se encontram com mais riqueza as dicotomias e as problematizações que servirão de base para o tratamento de um tópico tão sensível quanto as desigualdades sociais. Por isso, a presente atividade sugere um seminário que envolve a apresentação de problemas de desigualdade selecionados a partir da leitura do livro.

Caso esta atividade seja o primeiro contato com a publicação, convém que o professor visite a seção **pré-leitura** da Atividade 1 para que possa apresentar a obra aos alunos.

PRÉ-LEITURA

Antes de iniciar a abordagem das diferenças sociais por meio dos textos, convém ao professor sondar os estudantes acerca do que sabem da relação entre arte e sociedade. Esse conhecimento é importante porque muitas pessoas não sabem do papel crítico da arte, principalmente da literatura, tendo em vista que ainda perdura na sociedade uma noção de que as obras artísticas estão reservadas a um tipo específico de fruição, pouco acessível às camadas sociais, bem como a ideia de que obras de arte estão pouco relacionadas à vivência cotidiana. Como esse pode ser o caso de alguns estudantes, a presente atividade busca verificar se alguns deles restringem sua visão desse modo a fim de que seja possível desconstruir essa postura e permitir que a fruição aconteça de modo mais completo.

Para cumprir esse objetivo, o professor deve perguntar aos discentes se eles enxergam alguma relação entre a vida cotidiana/social e as artes no geral. Após isso, pergunte especificamente sobre essa relação cotidiano/literatura. Como na Atividade 1, as respostas a esse tipo de questionamento devem ser anotadas para posterior revisão de conceitos.

Seguindo essa etapa de verificação, os estudantes devem ser perguntados sobre a visão que têm sobre uma possível influência da vida cotidiana na produção artística ou se não veem relação em absoluto. Nesse âmbito, é necessário retomar a discussão de Marcos Siscar sobre a poesia brasileira após a passagem do Modernismo, tendo em vista que para ele:

[...] pode-se conceber que a poesia seja capaz de atrair nossa atenção para esses problemas e, ao nos ensinar um certo modo de ler o mundo, seja também capaz de nos conduzir a uma reflexão sobre as categorias das quais dispomos: “realidade”, “sujeito”, “origem”, “sentido”. (SISCAR, 2010, p. 55).

Além disso, continua o autor que “Se a contrariedade do poema perturba o olhar sobre o real, é porque desafia a expectativa do unívoco e pré-estabelecido” (SISCAR, 2010, p. 55). Ou seja, partindo dessa visão de poesia, é plenamente possível usar do texto poético a fim de alargar a visão sobre o mundo na qual o texto está inserido — posto que está neste mundo, logo com ele compartilha significados e fenômenos diversos.

Essa visão é essencial para trabalhar com os poemas presentes na seção **sobreposição**, tendo em vista que a forma como cada um dos poemas usa da oposição e da complementaridade dos conceitos sobrepostos permite uma análise de como esses conceitos podem ser encontrados na vida social, propiciando, assim, uma análise mediatizada dessas questões sociais por meio de uma imagetização dessas ideias superpostas.

Essa relação fica explícita, por exemplo, no poema *desigualdade* (p. 48), cujo título já evidencia a pertinência em relação à discussão desta atividade. Sobrepor o luxo à fome é uma forma de denunciar o apagamento que esta sofre a fim de que seja possível a existência daquele. Processo similar ocorre em *psicopatia* (p. 49) e *exceção*.

Essa primeira discussão, longe de querer esgotar os significados do texto poético, serve de pontapé inicial para um dos eixos desta atividade, o da sobreposição como um **apagamento** de problemas.

De modo similar, um outro eixo de trabalho com os poemas dessa seção está pautado na sobreposição não mais como apagamento, mas como **complementaridade** de conceitos. Isso porque, muito como no processo dialético, nem sempre a existência de “opostos” gera uma negação de um dos fatores, mas sim uma síntese, a criação de uma ideia a partir da aproximação desses conceitos.

Essa forma de organizar a imagem do texto poético pode ser vista no poema *vontade e ação* (p. 61), no qual não há um apagamento da espera pela esperança ou vice-versa, mas um processo de interdependência.

Essas perspectivas de trabalho com os poemas da presente seção servem para apoiar o professor durante a leitura dos textos, podendo ser expandidas e/ou adaptadas conforme o educador julgar interessante para cada turma e para as discussões que ela propõe.

DURANTE A LEITURA

Primeiramente, o docente deve permitir que os estudantes façam uma leitura silenciosa dos poemas presentes na seção **sobreposição**. Assim como na Atividade 1, o ideal é que a façam no máximo em duplas para que seja possível ter contato o mais adequado possível com os textos.

Após esse momento, os discentes devem ser incentivados a comentar as impressões sobre os textos lidos. Ressalta-se novamente a importância desse momento, tendo em vista a possibilidade de pôr em contato as diferentes visões que podem existir sobre os poemas. É pela construção coletiva da interpretação que muitos podem apreender novas formas de encarar o texto literário e abraçar diferentes experiências de entendimento dos textos que circulam em sociedade.

É nessa ocasião que se torna oportuna a discussão sobre as ideias tratadas em relação aos paradigmas já apresentados de **oposição** e **complementaridade**. Possivelmente, os estudantes abordarão essas ideias de alguma forma, sendo papel do professor guiar as ideias, bem como complementar e conceituar certas visões do texto. Caso não o façam, as seguintes perguntas podem ser usadas para orientar a discussão a esse plano:

- ◆ Quais foram os recursos visuais utilizados nesses poemas?
- ◆ A sobreposição tem algum efeito de sentido? Qual?
- ◆ Em relação ao conteúdo, é possível perceber uma ideia constante? Qual é?

Para finalizar esse momento e seguir para a atividade **pós-leitura**, a seguinte pergunta deve ser realizada:

- ◆ A quais questões do cotidiano esses poemas podem ser ligados? Por que o autor seleciona esses termos para compor os poemas?

Espera-se que os alunos selecionem o poema que julguem mais adequado e compartilhem algum problema social que pode ser ligado ao texto. Convém incentivar respostas que estejam intimamente ligadas ao cotidiano social da comunidade em que vivem os estudantes, como rua, bairro e cidade, contudo, não devem ser desconsideradas respostas que reflitam o cenário nacional e até mesmo mundial.

O professor deve pedir para que os estudantes anotem essas ideias a fim de realizar a atividade do seminário a ser proposta no **pós-leitura**.

PÓS-LEITURA

A atividade sugerida para o momento **pós-leitura** utiliza as relações do poema com os problemas sociais apontados pelos alunos. Para isso, convém ao professor sugerir que se montem grupos para realizar cerca de 5 apresentações. Cada grupo decidirá por um poema — ou par de poemas, caso haja essa correspondência, como em *expectativa* (p. 50) e *realidade* (p. 51) — e deverá realizar um breve seminário explicando tanto o problema apontado quanto as relações que foram estabelecidas com o texto.

Para isso, o educador deve orientar os estudantes a pesquisarem como esse problema se manifesta no cotidiano e na cidade em que vivem, procurando por exemplos em jornais de circulação regional, registrando o problema por meio de fotografias, entrevistas com pessoas afetadas e demais ferramentas que acharem necessárias. O docente deve aproveitar esse momento para auxiliar os discentes a seguirem boas práticas de pesquisa, como verificação de fonte e checagem dos fatos, entre outras.

A apresentação dos trabalhos deve privilegiar as explicações da relação que os alunos fizeram do poema com a realidade que vivenciam, bem como oportunizar momentos em que explicitem a forma como o texto literário pode tê-los ajudado a compreender o problema abordado, seja pela possibilidade de se atentarem a algum ponto que não haviam percebido, seja pela criticidade presente no texto que gerou neles o ensejo de se aprofundar em determinado tópico.

Após cada apresentação, os estudantes que não apresentaram devem ser convidados a contribuir com exemplos e ideias que tiveram relacionadas ao tópico abordado pelo grupo que apresentou. Desse modo, torna-se possível um incentivo a uma nova construção grupal acerca do tópico abordado, oportunizando de novo a ação conjunta em prol da reflexão voltada aos problemas sociais.

Durante todos os momentos, o professor deve incentivar a justificativa e a análise crítica das escolhas empreendidas pelos estudantes a fim de que eles sejam instados a argumentar em favor das leituras de mundo que fizeram.

PROPOSTA DE ATIVIDADES 3: LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

OBJETIVOS

- ◆ Analisar poemas e depreender estratégias de construção de sentido, com foco na poesia concreta.
- ◆ Elaborar em grupos um projeto de texto que norteie a produção de textos poéticos.
- ◆ Produzir, com as ferramentas disponíveis, poemas concretos que efetivem o planejamento.
- ◆ Apresentar a obra própria adequadamente aos colegas, explicitando as motivações e ideias que permitiram a efetivação da obra.

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

(EF69LP54) Analisar os efeitos de sentido decorrentes da interação entre os elementos linguísticos e os recursos paralinguísticos e cinésicos, como as variações no ritmo, as modulações no tom de voz, as pausas, as manipulações do estrato sonoro da linguagem, obtidos por meio da estrofação, das rimas e de figuras de linguagem como as aliterações, as assonâncias, as onomatopéias, dentre outras, a postura corporal e a gestualidade, na declamação de poemas, apresentações musicais e teatrais, tanto em gêneros em prosa quanto nos gêneros poéticos, os efeitos de sentido decorrentes do emprego de figuras de linguagem, tais como comparação, metáfora, personificação, metonímia, hipérbole, eufemismo, ironia, paradoxo e antítese e os efeitos de sentido decorrentes do emprego de palavras e expressões denotativas e conotativas (adjetivos, locuções adjetivas, orações subordinadas adjetivas etc.), que funcionam como modificadores, percebendo sua função na caracterização dos espaços, tempos, personagens e ações próprios de cada gênero narrativo.

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

(EF89LP36) Parodiar poemas conhecidos da literatura e criar textos em versos (como poemas concretos, ciberpoemas, haicais, líras, microrroteiros, lambes-lambes e outros tipos de poemas), explorando o uso de recursos sonoros e semânticos (como figuras de linguagem e jogos de palavras) e visuais (como relações entre imagem e texto verbal e distribuição da mancha gráfica), de forma a propiciar diferentes efeitos de sentido.

Outra possibilidade riquíssima de trabalho com o texto poético envolve a inspiração do discente e o incentivo à produção autoral por parte do alunado. Esse trabalho ganha importância diante do privilégio que dá ao protagonismo do estudante em relação à apreensão e à ressignificação da forma poética de uma maneira mais subjetiva. Por isso, considera-se fundamental uma atividade que privilegie a produção e o compartilhamento de poemas criados pelos próprios discentes. Como já foi discutido neste Manual do Professor em mais de um momento, a experiência poética parte de um dado subjetivo e pode significar de forma também subjetiva — ou seja, trabalha essa personalidade tanto na produção quanto na recepção —, o que torna a experiência de criar algo tão enriquecedor quanto a de fruir. Não à toa, a BNCC prevê em suas competências a criação (EF89LP36).

Desse modo, sugere-se nesta atividade a realização de um sarau para incentivar a produção e a apreciação de textos concretos criados pelos alunos.

PRÉ-LEITURA

Caso os estudantes já tenham realizado alguma atividade com os poemas do livro *vis.uau*, convém ao professor que permita, neste momento, uma releitura livre da publicação, ou seja, sem a seleção prévia de poemas que privilegiem certo aspecto pedagógico e/ou temático. Por isso, o docente deve deixar os estudantes à vontade para revisitarem a obra, bem como incentivá-los a apontar os poemas de que mais gostam e justificarem suas preferências. Essa possibilidade permite ao estudante um contato mais próximo e pessoalizado com a prática de leitura e mostra para ele como o afeto pode ser importante na apreciação do conteúdo literário.

Caso esse seja o primeiro contato com a publicação, sugerimos que o professor visite a Atividade 1 deste volume, realize-a e dê seguimento à presente atividade.

DURANTE A LEITURA

Após o contato com os textos da obra e a discussão acerca dos motivos que levam os estudantes a se interessarem por certos poemas¹, convém que os

¹ Ressalta-se que mesmo o “não gostar” de algo também pode ser aproveitado pelo docente, desde que o aluno consiga articular devidamente os motivos que o levaram a tal impressão. Assim, a atividade pode se desenvolver a contrapelo do que causa a impressão negativa.

alunos formem duplas e dialoguem entre si sobre os motivos apontados. A partir dessa comunicação, eles poderão levantar temas, formas, práticas literárias, ideias que mais interessam e que podem servir de base para o trabalho que realizarão de produção própria. Tome-se como exemplo as seguintes possibilidades: a ironia como matéria poética, como visto em *alienação* (p. 25) e *confusão* (p. 33), o trabalho com as formas geométricas, como em *linguagem* (p. 39) e *rompimento* (p. 21), a própria seção **sobreposição**², e demais pontos que sirvam de ponto de partida para a produção própria. Além desses pontos, os estudantes devem ser incentivados a utilizar outras ideias que lhes pareçam adequadas tanto tematicamente quanto imageticamente, como diálogo com outras obras, temas de que gostem, *hobbies*, acontecimentos sociais etc.

Esse momento é importante porque permite aos discentes que defendam sua impressão sobre os poemas lidos, bem como incentiva-os a racionalizar e a apreender os motivos de fruição que lhes causam interesse, o que configura uma ferramenta fundamental ao entrar em contato com os textos artísticos.

PÓS-LEITURA

Partindo do resultado desse diálogo, os discentes devem, em duplas, produzir um poema concreto que seja autoral relacionado em maior ou menor grau com os apontamentos realizados.

A produção propriamente dita dependerá da realidade social do colégio no qual os estudantes estão inseridos. Escolas que tenham laboratório de informática permitirão que os discentes realizem esta atividade em programas de edição de imagens, como Microsoft Paint, Paint 3D (nativos de computadores com sistema operacional Windows), Drawing, Kolourpaint (adaptados para o sistema operacional Linux) e plataformas *on-line*, como Paint online, Canvas, entre outros. Do mesmo modo, estudantes que tenham acesso a outras ferramentas tecnológicas, como celulares e tablets, podem utilizá-las de maneira igualmente proveitosa. Ressalta-se, contudo, que a falta desses recursos não impede a efetivação da atividade, tendo em vista que pode ser concluída de diversas outras maneiras, tais como uso de cartolinas ou xilogravuras em parceria com a disciplina de Artes.

Em seguida, as produções devem ser disponibilizadas para a apreciação geral, tanto da turma quanto da comunidade escolar. Sugere-se que, num pri-

² Caso a Atividade 2 não tenha sido realizada e/ou o professor queira se aprofundar no entendimento da seção sobreposição, sugere-se a leitura do texto introdutório da Atividade 2.

meio momento, os estudantes apresentem suas produções apenas para a turma e expliquem de que maneira foram inspirados pelos poemas do livro *vis.uau* e por outros elementos que tenham achado pertinentes para a composição do texto próprio. Se possível, é interessante enriquecer esse momento com músicas, decoração da sala de aula e o que mais se julgar pertinente ao momento.

Após isso, as obras podem ser disponibilizadas para apreciação geral nos corredores da escola.

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES. **Poética**. Edição bilíngue; tradução, introdução e notas por Paulo Pinheiro. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2017.

BARUSSO, Jean Carlo. **o olho**. Londrina: Editora Madrepérola, 2020.

CAMPOS, A.; PIGNATARI, D.; CAMPOS, H. **Teoria da poesia concreta. Textos críticos e manifestos 1950-1960**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura, São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, set. 1972.

_____. O direito a literatura. In: _____. **Vários escritos**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2017.

ECO, Umberto. **Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 2008. (Debates; 4).

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

RIBEIRO, Eunice. Concretismo: experiência(s) de “intercodificação”. In: TORRES, Rui. **Enquadramento teórico e contexto crítico da PO. EX. Projecto CD-ROM da PO. EX (Poesia Experimental Portuguesa—Cadernos e Catálogos) Ref.** ^a POCI/ELT/57686/2004. Lisboa: FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia — Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior — Governo da República Portuguesa, 2008.

SISCAR, Marcos. **A cisma da poesia brasileira**. In: SISCAR, Marcos. **Poesia e crise**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010, p.149-167.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Tradução de Claudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.